

Marlene de Fáveri

# Crônicas da incontingência da clausura

COTIDIANOS NA PANDEMIA

volume 1

LETRAS CONTEMPORÂNEAS

## Palavreando, de início...

*"Mulher é desdobrável. Eu sou."*  
Adélia Prado

É setembro deste inóspito ano de 2020: as incertezas de como seguiremos neste país, desgovernado e imerso numa crosta grudenta deste coronavírus invisível, desacorçoam e assustam. Em minha casa, na capital do Estado de Santa Catarina, recolho folhas amareladas de escritos que fiz em tempos pretéritos, quando sonhava outros sonhos, alguns dos quais ainda quero. Nesses *guardados* – palavra a que Beto se referiu numa ocasião quando namorávamos – encontrei um texto que ao rele hoje me fez voltar aos anos de minha primeira faculdade, quando a escrita me já seduzia. Escondido entre milhares de papéis, datado do finalzinho do mês de dezembro de 1981, ei-lo:

"Gostaria de escrever um livro, ser escritora. Não sei ainda das minhas capacidades, acho mesmo que o único livro que escreverei serão as minhas memórias, ou a minha vida em quadrinhos teóricos. E daí? Para quem irão servir? Continuo escrevendo as minhas passagens, meus anseios e angústias. Não sei para que servirão, talvez para que eu possa chorar a minha infância e adolescência...

Por que o sol? A fumacinha do cigarro mal apagado no cinzeiro sobe teimosa, fico com raiva. Por que não para de esfumaçar? Por que não para de vez apagando a sordidez em que me deixa? Gostaria de saber o que há comigo. Voltei de casa (da mãe, em Turvo) totalmente transtornada, umas coisas estranhas se apoderam de minha cabeça, parece que estou febril, cheia de frustrações. Tenho a sensação de que vou morrer, tudo vai se acabar em alguns minutos, sem que eu me dê conta do que está realmente acontecendo. Está tudo normal comigo, com o Edson (namorado), com a casa, no entanto não consigo ficar calma, algo estranho está enervando meu interior, me diz que algo vai acabar logo.

Olho minha mão esquerda, bonita, gordinha, luzindo com o reflexo da claridade que vem através da cortina e de um pedaço de céu que aparece pousado sobre a toalha vermelha da mesa, segurando pelas bordas essas folhas. O anel, que não me recorda absolutamente nada, já que o encontrei no chão do escritório quando varria o carpê, brilha ofuscante com a luz do sol, e seu formato de losango banhado em dourado com uma tira de prata no centro dá um ar de nostalgia ainda maior. Por que a minha mão esquerda é bonita e a mão direita é feia e torta? Aliás, o dedo pai-de-todos é mais torto pelo uso de lápis e canetas nesses já 13 anos de escolaridade constante. Bem que poderia ser como a outra... (ABO - 29.12.81)"

Nem por sonho podia imaginar que hoje, neste setembro, estaria abrindo um livro de crônicas – e lá se vão quase quatro décadas de quando escrevi este texto quando eu achava que ia morrer e tudo ia acabar logo! O que era angústia medrou buscas: virei mesmo escritora! De quais angústias eu falava? Hoje eu sei: era o silenciamento das mulheres somado às incertezas do futuro. Vivíamos o início da abertura política

no Brasil mas, ao invés de amainar os temores, mostrava-me o que a cidade grande tinha de sedutor, mas tinha de exclusão e dureza. Os preconceitos me eram ditos e eu nem sabia que eram pré-conceitos. Na década de oitenta eu escrevia compulsivamente poemas e narrativas de meu cotidiano, sempre com gritos furiosos contra as mazelas da população e em busca da liberdade. Eu procurava nas palavras e suas tramas com verbos fortes um lugar para a dita felicidade.

Sim, eu escrevi muito ao logo das décadas seguintes. Mais ainda depois que me formei Historiadora - no final deste livro digo desses escritos. Escrevi de tudo: livros, artigos, poemas, memórias, prefácios, verbetes e tudo o mais que faz parte das lides de professora universitária. Agora que alcancei o tempo de colheita com a aposentadoria, posso escrever livremente e sinto-me realizada neste afazer que me alucina de gosto e tesão.

Isso foi um preâmbulo. Fervor e febres uterinas ainda as tenho e as quero sempre vívidas até a última frase e que será um verso: "Aqui jaz uma mulher que viveu intensamente". Não vou me deter em um longo texto introdutório, porque leitoras e leitores encontrarão nas páginas que seguem os argumentos de como das minudências do cotidiano refiz as pazes com a minha história. E se assim fiz, foi sem que me furtasse dos gritos contra o que nos avilta, a nós mulheres e a todas as pessoas, sejam elas de qualquer idade, geração, sexo, cor, etnia, raça, classe, nível intelectual, necessidades especiais nas nossas labutas diárias.

As crônicas que seguem se explicam por si: são narrativas dos estrondos do medo do vírus, das dores, das perdas, da solidão, da morte, do afastamento social, dos preconceitos, das violências, da sexualidade controlada, da religião cerceadora, do trabalho remoto, das lides das mulheres camponesas, do rezar, pecar, parir, costurar, mourejar. Numa palavra: viver. Todas partem do tempo presente, escritas entre dois lugares: o urbano, Florianópolis, e o rural, Turvo. Nelas, também falo do ato de escrever, de poesia, do fazer comidas, de aprender a cuidar, dos afetos, sempre dentro do contexto - a moldura do texto - de tantas memórias que sopram fios entre a realidade e a imaginação. Explico isso melhor na crônica que fecha este livro. "Morro à míngua de excessos", como Mario de Sá Carneiro, poeta português, e ando cuidando para não alongar demasiado as próximas crônicas.

Quero dizer que sou uma mulher de meu tempo, com todas as marcas que trago no corpo e na alma. Cicatrizes contam histórias e só não as têm quem não viveu. Dentre tantas, uma cicatriz de cesariana e que me trouxe o mais perfeito poema: mulher, como eu. Mais que personagem, Tashi é a razão de mim. Minha mãe, Therezinha, costurou em mim as asas e por isso estou aqui escrevendo estas linhas - "Vai minha filha, vai estudar. Uma mulher tem que ser independente". Eu fui. Vim. Voei. Voo.

"Toda mulher é um vulcão em eterna erupção", escrevi faz tempo. Ao transformar minha vida nas lutas do Feminismo e de Gênero, compreendi os dogmas e estigmas que nos queriam emburrecidas e caladas. Decidi falar pela escrita. Agora olho-me de novo, e sei que o tempo que me resta é bem menor que o tempo que já vivi, mas seguirei entre narrativas e memórias a desfrutar o tempo que me resta. Aos vinte e ingênuos anos eu "*Gostaria de escrever um livro, ser escritora*" e o que veio foram tempos de fúria nas buscas por liberdade de escolhas, fraturas, conquistas e

prazeres. Hoje, me enteneço com aquela menina-moça-mulher recém chegada à capital do Estado e vinda do interior em busca de um lugar para si.

Escrever é um ato de revelar-se. Enfurecer-se. Enternecer-se. Libertar-se. Liberdade é o exercício de fazer escolhas, e mais livre é quem pode escolher o que dizer. "Porque há o direito ao grito. Então eu grito," como fez Clarisse Lispector. Eu pude, posso – mesmo que os fascistas me queiram calada. Não passarão!

Um livro não se faz sozinho – se a escrita é solitária e profundamente individual, a matéria – livro – tem mãos e olhares. Paula Guimarães, Rejane Wilke, Larissa Viegas Freiras e Angelita Correa fizeram acontecer, e só tenho gratidão. No mais, este livro só existe porque houve leituras atentas. Então, do fim para o início: "Dedico estas crônicas às leitoras e aos leitores que me acompanham. Estamos juntas! Juntos! Se são breves os contatos, longo e profícuo é o ato de compartilhar experiências e ouvir sentimentos e silêncios. Obrigada!!!!".

Marlene de Fáveri  
Setembro de 2020.

### **Apresentando a cronista**

Urda Alice Klueger  
Escritora, historiadora e doutora em Geografia.

Marlene de Fáveri entrou na minha vida por volta da virada do milênio, quando foi minha professora numa especialização em História que eu fazia. Era conhecida, dentre outras coisas, por sua militância a favor das mulheres e contra as injustiças que elas sofriam. Bastaram umas ou duas aulas (e algumas horas numa mesa de bar, depois) para ficarmos amigas. Bem por essa altura ela terminava um doutorado, e nossas conversas daqueles dias fizeram com que minha mãe e minha avó fossem parar na sua tese. E que tese, meus amigos! Além de toda a importância acadêmica, vinha ela planando nas asas da Literatura – tese de 533 páginas depois de publicada, li-a quase que de um fôlego só, e lembro quando disse à Marlene:

- Sabes o Sidney Chalhoub? É o único que escreve História, no Brasil, com mais qualidade literária do que tu!

Eu não estava equivocada: os grossos livros da tese da Marlene<sup>1</sup> se evaporaram, e a tese tornou-se *best-seller*, tendo segunda edição em pouco tempo.

Daí, 20 anos depois, Marlene me conta seu novo momento:

---

<sup>1</sup>FÁVERI, M. de. Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. 2. ed. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005. 533p

- Amiga, acabei de me aposentar! Vou tratar de publicar, agora, minhas cinco mil poesias e outras coisas!

Ela tinha tudo milimetricamente planejado: livro de poesias com a temática tal no mês tal; a temática seguinte no outro mês, e assim por diante. Um dia me telefonou, agoniada, que as coisas não estavam andando bem como tinha planejado, e eu lhe dei o conselho que vale para mim:

- Põe um tênis e vai caminhar, sem pensar em nada! E depois, segue o teu coração!

O conselho serviu para ela também. Botou o tênis e foi caminhar, e bem, aí chegou o coronavírus e ela se viu presa no sul do estado, na casa da sua mãe, bem quando o Brasil entrava em quarentena. Sua incrível produção estava em Florianópolis, a 270 km de distância e não se podia ir de um lado para o outro. O que uma escritora como Marlene de Fáveri podia fazer numa situação assim? Escrever. Ela ouviu seu coração e sentou-se para escrever. Surgiu a série *Crônica da incontinência da clausura*, publicada semanalmente no site do *Portal Catarinas*. Tão cientista da História por toda uma vida, Marlene se apoiou naquela ciência para derramar no papel (pois ela escreve a mão, num caderno) sua alma de poeta, rasgando as vísceras do que era estar presa pelo COVID, irremediavelmente prisioneira por um vírus invisível, mais prisioneira, como também estou, dentro de uma casa do que se ela possuísse muros inescaláveis.

Em pouco mais de cinco meses está aí o primeiro resultado, o alentado livro que reúne as 25 primeiras crônicas que Marlene escreveu na clausura, e que você vai adorar!

Fico aqui pensando em outro livro, o *Decameron*, escrito no século XV durante a Pandemia da Peste Negra – primo deste *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, os dois vieram para marcar a História do mundo. Feliz de mim que vivi para ver o nascimento deste *Crônicas a pandemia - relatos da clausura* com o qual Marlene nos presenteia agora!

Boa leitura e boa viagem pela clausura da Marlene!

Sertão da Enseada de Brito, 07 de setembro de 2020.

## Significar o ressignificar

Paula Guimarães  
Jornalista, editora do Portal Catarinas

Passei a ter contato mais próximo com Marlene de Fáveri após tê-la entrevistado sobre a perseguição que sofreu pelo Movimento Escola Sem Partido, em março de 2017. Desde então, ela tornou-se um símbolo da resistência ao pânico moral acionado por aqueles que buscam perpetuar a desigualdade de gênero. Não por acaso, passou a ser alvo certo dos que querem manter a mulher no lugar de submissa.

Mas Marlene não silencia, pelo contrário, ela amplia possibilidades de falas contra a naturalização das violências racistas, machistas e neoliberais. Encontramos isso em “Crônicas da Incontingência da Clausura” – obra na qual, através de sua sensibilidade poética e analítica, faz do cotidiano espaço de reflexão e elaboração das opressões forjadas pelo sistema patriarcal, racista e capitalista.

A escrita, que para a autora já ocupava esse lugar de transcendência, ganhou nova dimensão com o isolamento social e todas as limitações impostas pela pandemia. Foi preciso colocar em palavras e atribuir significados aos estágios do “novo normal” ou da luta pela sobrevivência na nova política dos afetos. E esse compilado é revelador do seu desejo ardente de aliar-se às transformações sociais por meio da palavra escrita, aquela revolucionária como definiu em um dos textos publicados no Catarinas.

São noites e noites não dormidas, como ela relata, insufladas pela ânsia de documentar memórias em contos e poesias. Em cada crônica somos atualizadas das decisões políticas que levariam o país a ser um dos principais líderes em contágio e número de mortes, e das mobilizações sociais que insurgiram contra as violências às populações mais vulneráveis e pelas vidas aviltadas. Em cada crônica acompanhamos também as relações familiares, amorosas e profissionais de Marlene - que corajosamente revela mais de si e de sua práxis feminista. Historiadora dedicada a desvelar as camadas constitutivas da desigualdade de gênero, traz em seus relatos um mosaico de vivências, mediadas por escuta atenta e zelosa às mulheres que a cercam.

Entre as personagens de suas histórias, a mãe Terezinha recebe especial atenção, para quem Marlene tem dedicado tempo e disposição durante os dias de distanciamento do mundo. A pergunta “O seu feminismo chega à sua mãe?”, que temos ouvido e lido nos espaços de ativismo, pode ser respondida positivamente pela escritora. O carinho e cuidado à mãe incitam-nos a expandir nossa percepção e autocrítica sobre as nossas relações afetivas e práticas feministas antes e após a quarentena.

Meus domingos têm sido acompanhados de seus textos, editados e publicados por mim no Portal Catarinas. Não foram poucas as limitações impostas pela pandemia do novo coronavírus ao Portal Catarinas, ainda assim conseguimos atravessar o ano fortalecidas. Certamente as crônicas de Marlene têm sido fundamentais para o

respiro de rebeldia que nos manteve firmes até aqui, produzindo conteúdos jornalísticos feministas.

“Crônicas da Incontingência da Clausura” é sobre o feminismo nosso de cada dia, uma contribuição às lutas das mulheres e feministas do país. “Gênero sim!”, como bradou a historiadora em uma manifestação contra os que distorcem o debate para manter o poder político-econômico-sexual sobre os corpos femininos e marginalizados. É potente o exercício de significar e ressignificar as experiências para compreendê-las em suas dinâmicas, desconstruindo padrões internalizados pelos papéis sociais. Marlene nos convida à essa aventura político-feminista!

## **Crônica da incontinência da clausura**

### **Do, do vírus invisível (1)**

Quinta-feira, doze de março de dois mil e vinte. Acordei cedo, juntei pertences para uma semana – roupas, medicamentos, um livro, computador, o caderno com manuscritos inacabados e poesias, carteira, óculos, celular e carregadores como em toda viagem. No elevador, abracei a menina vizinha que estava de aniversário e sua mãe, e cumprimentei o zelador com aperto de mão. No posto, abasteci com tranquilidade, comprei água, e peguei a estrada. O plano era ficar uma semana em Turvo, e então voltar para reunião do Fazendo Gênero, outra com meu partido político (evidentemente, de esquerda), comparecer às milongas tanguieras do final de semana e namorar, porque eu mereço. Com bom trânsito, chegaria para o almoço com minha mãe e a senhora que a cuida. Viagem tranquila. Fiz uma parada no caminho onde encontrei um ex-aluno, bebemos café e compartilhamos um caloroso abraço.

Como sempre acontece, cheguei em casa da mãe e trocamos largos e longos apertos de braços. Digo que ela que está linda e ela me diz coisas carinhosas... Almoçamos na calmaria, embora a conversa rumou para riscos e medo da doença do vírus. Muito bom estar em casa de mami! Dia seguinte, brinquei com minha sobrinha amada, e até vimos um filme infantil e dormimos juntinhas. Abracei meu irmão com o calor de sempre. Era sexta-feira.

No sábado, quatorze de março, bem como no domingo, dia quinze, almoçamos em família, colhemos limões, fizemos cafunés. Foi quando notícias alarmantes nos preocuparam com mais evidências – governos de Estados fechando fronteiras, ordenando isolamento social, em meio à vergonha da incompetência e dos absurdos ditos pelo mandatário que não me representa. Ficamos apreensivas, quase que incrédulas do que se avizinhava. Na segunda feira, dia dezesseis, a pandemia é global. Nós, mortais, que temos medo da doença e da morte, vimos atônitos um muro sendo construído para impedir abraços. Na terça feira, dia dezessete, decretos passaram a gerir nossa mobilidade – mesmo assim, fui à manicure porque tinha horário marcado, e levei minha mãe para cortar os cabelos. Nesses dois lugares, o álcool em gel passou a fazer parte de nossas vidas. A cabeleireira nos recebeu com *namastê* à distância, e fez o trabalho com as mãos devidamente desinfetadas.

A redes sociais, as notícias e decretos davam conta que a capital do Estado estava sob controle, viagens canceladas, ajuntamento de pessoas proibido, comércio à portas fechadas. Nem cinema, nem bailes, nem aulas, nem reuniões quaisquer que fossem... Sem nenhuma dúvida, adiei a viagem de volta para casa, e por tempo indeterminado...

Na quarta-feira, dia dezoito, os habitantes da pequena cidade do interior acordaram sem rumo... perplexos, Naquele dia, e no dia seguinte, quinta-feira, dezenove, sabe-se lá com quais expressões e representações, fecharam as portas dos comércios, oficinas, salões de beleza, serviços públicos, serrarias, casas agropecuárias e, por



força de lei, a se abster de festas, cultos, reuniões, bailes... Meus irmãos fecharam a oficina de conserto de elétrica de carros e, pela primeira vez nas suas vidas, passaram uma quinta-feira sem ir ao trabalho.

Minha mãe, nos seus oitenta e um anos e meio, preocupou-se sobremaneira com a possível escassez de alimentos e outros bens de consumo, como a comida das galinhas e dos gatos, material de higiene e limpeza. Ela conferiu tudo na despensa, na geladeira, vasculhou os armários e fez uma lista de compras enorme. Tanto repetiu que queria ir ao supermercado e, pela primeira vez na vida, tive que proibi-la veementemente de sair de casa. Eu fui, fiquei na fila da cooperativa que é supermercado, porque entravam cinco pessoas por vez, não sem antes se higienizar na porta, e uma funcionária passava álcool gel no carrinho. Peguei os alimentos com as mãos alcoolizadas, e paguei com o cartão bêbado, e assim...

Hoje é dia 20 de março, sexta-feira. Os noticiários dão conta que o mundo está em pânico; e as projeções são de que óbitos e contaminados crescerão de forma geométrica. Eu e minha mãe, aqui no sul do Estado de Santa Catarina, numa pequena cidade de menos de treze mil habitantes (isso em todo o município), sitiadas dentre os muros e plantas e árvores, inventamos coisas para não pensar muito no que virá. Ninguém chega perto de nós, especialmente de minha mãe, octogenária.

Nos últimos oito dias de minha vida, passei de livre e feliz pessoa indo visitar a mãe no interior para a situação de sitiada, em quase clausura... sem abraços e sem fazer tranças na Laura.

20 de março de 2020

## Crônica da incontinência da clausura

### Das outras guerras no cotidiano (8)

Domingo, três de maio de dois mil e vinte. Passei a semana tentando organizar livros, pastas, cadernos, blocos, guardados, mas me dispersava em cada objeto, cada livro, cada poema, cada carta, cada lembrança. Tive a certeza de que não dou conta. Como descartar livros e suas histórias? Como abrir uma pasta com centenas de escritos, sem lê-los? Concluí que não posso me angustiar com isso, deixei para depois. Melhor escrever. Na próxima semana volto para minha clausura no interior, com minha mãe, e fica assim, as coisas nos seus lugares – sim, haverá pós pandemia, e precisarei de ajuda.

Na semana, Araci, minha aluna dos tempos em que iniciei a dar aulas na Universidade, me perguntou, assim, do nada: qual número do teu calçado? Então me pediu o endereço: “Professora, vais receber um calçado de minha marca”. Já recebi! Outra amiga, Angelita, solícita e amorosa, me trouxe o sortimento do supermercado. Também ensinei, pela telinha, minha filha Tashi a fazer polenta! Coisas dos acontecimentos que traduzem aquilo que fomos, o que fizemos, o que tocamos, o que agradecemos. Assim, também de solidariedades e gentilezas se vive com a certeza de que os afetos são imprescindíveis. Tenho sofrido com a dor da querida Urda, que perdeu seu companheiro Athualpa. Tinha alma e virou estrela. Não fosse o fato de me obrigar a catar algum calendário para me encontrar no dia da semana e do mês, a semana não teria passado, tantos dias quase iguais na clausura.

Me dei conta de que desde dia vinte de março escrevi oito crônicas. Ainda fiz poesias e escrevi longas digressões memorialísticas que não cabem aqui. É que escrever a pena livre incita os lampejos d’alma, dá liberdade e acalma. Muito me alegam e me animam os depoimentos de leitoras e leitores, como leem as crônicas, como se identificam e também se aliviam. Esses depoimentos me dão ganas de continuar. Com as palavras, ousou desenhar o que Drummond chamou de “Sentimento do mundo”. Então sigo, expressando meus sentidos.

Acho que devo uma explicação. Uma leitora perguntou o porquê do uso da palavra *incontinência* no título das crônicas. Elenco quatro fatores que me fizeram refletir sobre o que caracterizaria essa pandemia. Ainda em março já no isolamento, fomos surpreendidos por decretos de isolamento/afastamento nos noticiários sobre números de infectados e de óbitos, me dei conta do esgarçamento do que seria a pandemia. As pandemias que nos antecederam foram vorazes, embora o mundo não fosse globalizado como hoje. As migrações e deslocamentos das populações eram bem menores.

Apesar da negação de certas autoridades, com certeza não era uma ‘gripezinha.’ Percebi logo que mudanças nos comportamentos e nas relações as quais nos atingiriam por muito, mas muito tempo. Sem que me desse conta, ia narrando as emoções desde a partida para visitar minha mãe e o forçado exílio; o fiz à tinta, de um sopro.

Essa certeza do imponderável me veio com as incertezas médico- científicas para esta pandemia, suas consequências e alcance global. Intitulei como “crônica da incontingência da clausura, ou do vírus invisível”; e postei no *facebook*. Dia seguinte, Paula Guimarães, editora do Portal Catarinas, do qual sou colunista, solicitou minha permissão para incluir a crônica no Portal e reafirmou o convite para continuar escrevendo – então, numerei.

Por que usei incontingência? Sabe-se que contingenciamentos são comuns em tempos de crises; são ações deliberadas por conta de urgências circunstanciais. Admitamos que nesta pandemia as ações seriam contingenciais por um tempo. Sabemos que epidemias são sazonais: vêm, desarrumam relações, depois vão-se. A vida se refaz e, mesmo com todas as perdas econômicas e afetivas, o mundo não acaba. Todavia, dentro dessas incertezas tive uma certeza: o isolamento e os cuidados não seriam momentâneos. A ciência não teria meios a curto prazo para expulsar de vez esse medonho invisível, dada a sua eficácia contaminadora e as proporções geométricas como se propaga. Democrático? Na morte física, sim; na morte social, não. A desigualdade de classe separa quem é obrigado a se expor para sobreviver daqueles que têm condições de se isolar com relativo conforto. No dia dezoito de março, atônita diante da expansão do vírus de como se espriavam os detalhes do medonho, fiz minha primeira anotação: “Invisível, real, contagioso, letal. Democrático??”.

Da mesma forma, associei a palavra incontingência às minhas palestras e aulas na disciplina História e Relações de Gênero (Udesc), quando afirmava que a violência contra as mulheres é incontingente – é real, é certo, é verídico que está acontecendo agora, e acontecerá amanhã, e depois de amanhã, num tempo mais do que presente... Por mais que queiramos, as violências contra as mulheres, bem como violências sexuais contra crianças e adolescentes, é incontingente. Nenhum decreto, lei ou norma vai abolir estas violências, infelizmente. São práticas advindas do patriarcado e do machismo estrutural, também responsáveis pelas manifestações de racismo, homofobia, aporofobia, lesbofobia, e outras mazelas que ardem nos corpos e mentes, produtos de uma cultura na qual relações de poder sempre promoveram desigualdades. Na história do Brasil vemos esse paradoxo na ‘bondade’ dos senhores que mantinham cativos sob seu chicote, no genocídio dos nativos, na exploração absoluta e perversa da mão de obra dos pobres, sempre com a conivência e prepotência das autoridades religiosas. As mulheres são as mais afetadas nos seus corpos violados, nas suas vontades castradas, sob os domínios de pátrios poderes e das prescrições das igrejas.

Desde o Brasil colonial, as violências de gênero tem provocado danos irreversíveis às mulheres. Diante da realidade das estruturas que mantinham as mulheres em estado de servidão, feministas questionaram prescrições como a de que lugar de mulher é em casa e subserviente aos mandos de um homem. Estes questionamentos ganharam força na década de mil novecentos e setenta, e na década de oitenta, com a abertura democrática, fomos afirmando nosso lugar de sujeitos da história. Naquela década, comecei a perguntar e buscar respostas para as penúrias a nós impostas, e a questionar nossas prisões. Foi quando escrevi poemas, como este:

Por muito tempo, mulher, guiaram teus passos  
Curvaram teus ombros, castraram tuas vontades

Sentiram teu prazer, lambuzaram teu corpo  
Ignoraram teus desejos, subjugaram teu intelecto  
Domesticaram tua força, calaram tua voz  
Fizeram-te escrava.  
Agora basta! Mostra tua face, não fiques calada!

O primeiro dos quatro fatores que me levaram a compreender a palavra incontinência se encontra nos discursos e pronunciamentos de vários ministros e de um presidente que se outorga donatário das instituições. Sobre isso sugiro a leitura do artigo Lucia Costa publicada no Portal Catarinas. Ali, analisa os gatilhos de um desses discursos, e que podem ser lidos na esteira das guerras de imagens e dos pronunciamentos de governos ditadores, gananciosos, totalitários, sociopatas, autocratas à moda dos regimes totalitários.

Um segundo fator cotidiano e voraz, é o visível aumento da violência doméstica durante o isolamento social – e isso enquanto o pavoroso ministro das relações exteriores associa o vírus corona como acelerador de um plano global e, num delírio tosco, imagina como inimigos, dentre outras questões, a “ideologia de gênero”. O que sinto, para além do asco, é vergonha. Os discursos de certas autoridades como por exemplo a ministra da goiabeira, ignoram que as adversidades e violências contra as mulheres se avolumam com o confinamento. Estatísticas da Agência Brasil de Direitos Humanos (abril de 2020) <sup>i</sup> comprovam que ficar em casa, para as mulheres, não é estar em segurança; pelo contrário, houve um aumento de denúncias de ataques, feminicídios, estupros, assédios, sempre subnotificados.

Me pergunto: que demônios têm nas têmporas homens que matam mulheres, estupram crianças, mulheres, meninos e meninas? Os mesmos problemas com a violência durante a quarentena que acontecem no Brasil são vividos em outros países da América Latina, com mulheres confinadas em casa com seus agressores.<sup>ii</sup> (7) Jessica Gustafson afirma que “O tema da violência contra a mulher é complexo e envolve questões culturais que perpassam não só os indivíduos, mas as instituições formadas por eles.”<sup>iii</sup> (8) O feminicídio é, por essência, incontinente.

Outro fator que fez pensar a incontinência são as penúrias da fome, do desemprego, do trabalho não pago, das demissões, que, mesmo com a minguada ajuda emergencial do governo, quando chega, não supre as necessidades básicas das famílias. Se para mulheres da classe média e alta o isolamento não altera em muito o cotidiano, para as mulheres pobres, trabalhadoras formais e informais, além da urgência em prover o sustento da família, tem que lidar com as tarefas da escola, amainar os medos, proteger-se da doença, proteger a si e aos seus, sobrecarregando-as. Muitas mulheres, e também homens, estão trabalhando em *home office*; professores e professoras das redes de ensino estão sendo obrigadas a lidar com tecnologias que desconhecem, preparar aulas online e muitas vezes sem condições técnicas. Estão adoecendo de estresse e desconforto. As mulheres sofrem mais com o isolamento. Por outro lado, li nas redes sociais, algumas mulheres reclamando de tédio, sem ter o que fazer em casa. Provavelmente são mulheres que têm outra mulher a fazer os trabalhos domésticos. As desigualdades sociais e econômicas, características do capitalismo na sua forma e exploração, são também incontinentes.

Faz parte ainda das incontingências o drama enfrentado pelos profissionais da saúde. Nesta área, a mão de obra feminina representa 72% de ocupação, conforme estatísticas recentes do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, Abril de 2020). O número desses profissionais contaminados por Covid-19 é assustador e, a maioria são mulheres que trabalham como enfermeiras, técnicas de enfermagem, e médicas. Ainda, conforme a pesquisa, há a diferença salarial por gênero, já que as mulheres recebem menos que os homens, com discriminação evidente. Elas estão mais vulneráveis, precisam sair de suas casas, enfrentar os riscos às suas vidas e lidar cotidianamente com a morte, muitas vezes sem a proteção necessária. Muitas são negras, evidenciado que, além da classe e do gênero, a questão da raça é visível. E tem que dar conta de suas casas, filhos, cuidados, e protegerem-se, e o que demanda mais tempo.

Essas guerras agravadas no cotidiano das mulheres me dizem da incontingência do que vem pela frente. Passados, nesse momento em que escrevo, quarenta dias daquelas primeiras impressões, a crise sanitária agrava-se de forma trágica; a distância entre continuarmos saudáveis ou doentes diminui. Teremos algum dia a sorte de viver num tempo livre de incontingências? Um tempo de felicidade, harmonia, cidadania plena, democracia, direitos humanos resguardados? Um tempo de despedidas com dignidade, sem máscaras e silêncios? Um tempo sem medos? Um tempo em que possamos nos tornar seres humanos mais justos, solidários e fraternos?

Escrevo de minha casa, em Florianópolis. A mesa está sempre repleta de papéis, cadernos, canetas e um computador; assim é minha clausura. Tenho tanto a escrever e pouco tempo para dizer tudo o que penso. Não, não me vou agora, não serei vítima deste nefasto grudento... É, "A gente nunca sabe...", na dúvida de Saint-Exupèry.

Marlene de Fáveri, Florianópolis, 03 de maio de 2020.

## **Crônica da incontinência da clausura**

### **De quarentenas, partos e memórias (12)**

Domingo, trinta e um de maio de dois mil e vinte. Me dei conta que o mês de maio já é passado. Hoje faz setenta e três dias de clausura. Era dezoito de março quando “estourou” a bomba do confinamento obrigatório e necessário. Nesta semana fez frio de doer os ossos dos dedos e avermelhar o nariz; tinha esquecido como faz frio aqui no sul profundo. Minha mãe parece não sentir tanto quanto eu, talvez porque acostumou-se nos trabalhos inadiáveis e necessários à reprodução da vida desde antes do sol nascer, fizesse o frio que fosse. Nestes dias, estivemos na horta e tiramos ervas daninhas que teimam em crescer mais que as plantas; e já colhemos rúcula e rabanetes! Minha mãe cansa logo, e reclama: “Mas eu tenho tanta coisa para fazer e não estou fazendo nada de útil”. Eu digo que passou oitenta anos fazendo tudo, agora tem que deixar que os outros façam as coisas. A cultura do trabalho está impregnada, uma cultura da educação camponesa numa colônia italiana, onde o ócio era sempre perder tempo.

Os limões amadurecem rápido, e o vento derruba abacates e nozes. Estas últimas minha mãe recolhe e, pacientemente, quebra a casca com um martelo, separa a parte comestível e armazena; faz muitos anos que temos nozes em casa, colhidas assim. Guevara e Tchê continuam a me barrar os passos, com olhar de esfomeados mas também ternos e carinhosos – estou me apaixonando por eles, logo eu que não curtia gatos!

Do atordoamento inicial quando a pandemia chegou até nós, e já que estava no interior com minha mãe, resolvi vestir a camponesa e ajeitar as árvores, os arredores da casa. E costurar máscaras para doar. O primeiro mês passou entre saudades e um desalento com as notícias que davam medo. Com o passar das semanas seguintes, as estratégias para proteger-me, e à minha mãe, foram sendo experimentadas de forma que agora fazem parte de meu cotidiano: sair de casa só o necessário, aproveitando uma única saída para resolver tudo; usar máscaras assim que ponho o pé fora de casa e embebedar as mãos. Uma vez na rua, no mercado, na farmácia, no banco, tomo todo o cuidado e distanciamento. Antes era comum conversar nas filas, nos balcões das lojas, nos encontros de rua; agora, paira um silêncio de afogar a vontade de perguntar, falar, futricar. A distância entre as pessoas e o uso da máscara nos inibe, limita e nos faz olhar com certas desconfianças.

Voltar da rua preordena outro ritual: trocar o calçado, lavar as mãos, lavar ou alcoolizar tudo o que trouxe, lavar a máscara e se certificar que tudo o que encostou é higienizado: bolsas, roupas, sacolas plásticas, partes do carro onde manuseou. Ufa, uma trabalhadeira feita sob tensão. O cotidiano sofreu um avario, saiu do prumo, interferindo nas nossas práticas usuais, bem como nos limites da liberdade para encontros afetuosos. É angustiante.

Todavia, se a palavra angústia significa sofrimento, aperto, sufoco, neste momento pandêmico o sentido se alarga com as incertezas dentro de uma crise política sem precedentes na história do Brasil e a conseqüente crise econômica e de valores. Graciliano Ramos, lá em meados dos anos mil novecentos e trinta, misturando à crítica social a dor do amor e do abandono, disse das mentalidades conturbadas em

época de mudanças, numa obra que chamou de *Angústia*. Vivemos essa angústia do estranhamento do devir, na desconfiança e nas incertezas.

Na semana que passou, circulou nas redes um pronunciamento do presidente da Argentina, no qual pergunta: "É angustiante salvar-se?", referindo-se às angústias sentidas pelas pessoas em afastamento e quarentenas. "Angustiante mesmo", disse ele, "é ficar doente e não poder salvar-se e o Estado te abandonar". Concordei. Resignei-me a meu claustro. Isso me leva à inconcebível e criminosa forma como o mandante deste país tupiniquim debocha dos mortos e suas famílias, como lida com desprezo às medidas de higienização e preservação da vida. Estamos sem rumo, sem leme, sem comando, sem projetos nem medidas para conter o avanço da pandemia. Que destino, que tragédia anunciada.

Dia desses, numa conversa sobre a quarentena e o Covid-19, fez minha mãe misturar esta às suas quarentenas pós-parto: "Ah, eu fazia de tudo. Tinha os filhos e no outro dia já estava de pé, fazendo os serviços", disse. Num surto da memória a vi ali sentada à mesa como a vi há meio século, acostada para um mísero descanso em seu vestido claro de listras azuis esticado e grávido. Esse detalhe marcou minha infância e grudou em minha memória, tanto que em meados da década de mil novecentos e oitenta, registrei essa lembrança com o que foi o quarto rebento de minha mãe:

Os vestidos de minha mãe eram dois  
Listrados, com pregas no ventre.  
Lavava, cozinhava, costurava,  
Capinava, plantava e colhia.  
Era calor de novembro e ela  
Sentia pontadas do que era seu  
Quarto rebento – ela sofria.  
Eu achava que ela era de aço.  
E, assim, veio Maria.

A conversa entre mulheres à mesa esticou e, sem noticiários atrapalhando, já que desligamos a televisão, ela comparou quarentenas: "Mas era diferente, a gente não ficava dentro de casa". Sua memória correu para o passado e seus olhos marrons visualizaram um infinito cone, e dali retirou detalhes de minha vinda ao mundo: que eu fui apartada de seu ventre pelas mãos de sua mãe, a nona Henriqueta, que era parteira "desde sempre". Eu custei para nascer, minha mãe passou muito mal, tanto que, logo após o parto, a levaram de carroça para o hospital de Meleiro – e lá fui registrada por meu pai, tanto que sou meleirense na identidade – onde ela ficou para refazer-se. Era seu primeiro parto.

Trago na memória imagens da minha nona, mãe de minha mãe, por vezes saindo apressada com alguém que vinha chamá-la para atender a uma parturiente a qualquer hora do dia ou da noite. Saía a pé, de carro de boi ou aranha (carroça), com sua bolsa de apetrechos e umas providências, já que não podia prever quando voltaria. O trabalho voluntário de parteira fazia parte de suas convicções religiosas, e jamais negou auxílio na "boa hora" de uma mulher, fosse quem fosse. E ela cuidava que as parturientes tivessem um descanso, uma "pequena quarentena", dentro do

possível, e ficassem bem antes de minha nona voltar a seus inúmeros afazeres de uma família numerosa.

No dia de seu enterro, e faz uma década, em cima da hora foi-me atribuída a tarefa de falar sobre minha nona em homenagem. A pequena igreja de Vila Maria estava lotada de pessoas que a conheciam desde sempre, o que aumentou a minha reponsabilidade de tirar da memória um pequeno discurso. Então olhei-a com as mãos cruzadas e segurando um rosário, me veio uma ternura imensa e falei sobre as mãos que ali, no caixão, segurando o rosário, eram as mesmas que apartaramme do ventre de minha mãe, e também fizera o parto ou apartara a maioria das pessoas presentes naquela cerimônia de despedida. Senti olhos marejando, como os meus, por toda gente ali na igreja.

Naquele tempo, não faz muito porque eu era menina, uma urgência por um acidente de trabalho, ou os quase anuais partos das mulheres da casa e da vizinhança, já que era prescrito que fossem parideiras, desde o ocorrido até chegar a um socorro era um transtorno. Havia que buscar um cavalo ou boi na pastagem, encilhar ou cangar, juntar pertences necessários e partir. Morávamos a uma distância de 20 km até o hospital próximo, por estradas de terra, não raro com buracos, pedras, rios e morros, o que dificultava o deslocamento. Nem sempre dava tempo de chegar ao destino, e mulheres passavam mal, crianças nasciam no meio do percurso e, infelizmente, muitas mulheres morriam em condições inóspitas, sofrendo com dores e pontadas.

Minha mãe disse que pior que não ter quarentena era que "levavam para o hospital somente em último caso, e muitas morriam assim". Sua memória sobre quarentena é associada a partos, temores, receios e distâncias. Ela lembra: "A primeira mulher de meu pai morreu em casa. Ela tinha cinco filhos, e no sexto passou mal e morreu, mas salvaram a criança". Salvar a mãe era importante, tanto quanto salvar a prole, que seriam mãos para cultivar a terra. Filho homem era sempre bem-vindo, já que o costume era que um filho homem cuidasse dos pais e reproduzisse a família numerosa, com uma esposa trabalhadeira e parideira. Do primeiro parto, principalmente, esperavam que fosse homem; quando eu nasci, minha mãe ficou feliz, mas não sabe se os outros ficaram.

Nem sempre meninas eram bem-vindas. Me contou, dia desses, uma camponesa aqui em Turvo: "Quando nasci, meu pai perguntou se era menino ou menina" e, ao saber que eu era menina, disse: "então manda de volta para o mesmo buraco de onde ela saiu". Desde então ela vive com uma "mágoa funda" que lhe deixou a cicatriz que a memória do corpo e da alma não desfaz. Fruto do machismo advindo de uma cultura e educação de desqualificação das mulheres por não serem consideradas provedoras, esse pensamento perdura em muitos lugares.

Há estudos sobre mulheres viúvas – pensão, ressignificações após a viuvez, viúvas da ditadura, etc – mas desconheço que se tenha escrito sobre viúvos, especialmente do meio rural. Era comum que o viúvo logo buscasse outra mulher para a reprodução da vida, os cuidados com os filhos órfãos da mãe, os afazeres domésticos e da produção. Meu nono, viúvo da primeira mulher, casou com a jovem cunhada, minha nona, que viveu para trabalhar, rezar e parir.

Com certeza alguns homens tiveram que aprender na marra a tomar providências na urgência de um parto a caminho, quando as acompanhava. Na educação dos homens,



as “coisas de mulheres” passavam ao largo, e os cuidados com os recém-nascidos eram expressamente atribuição expressa das mulheres do campo. Quando um bebê chorava, meu pai, se escapulia rapidinho do quarto e ia dormir em outro lugar. Como já disse, os corpos dos recém-nascidos e dos mortos pertencem às mulheres, assim como os cuidados com os doentes e os velhos. Quantas de nós estamos agora lidando com essa urgência? Com o isolamento, espera-se que tomemos conta dos cuidados com os filhos, os idosos, os doentes.

Na conversa sobre a quarentena, comparando a que nos obrigamos hoje e a das mulheres quando pariam, surgiram relatos de violências e dores. Minha mãe, Rita, a cuidadora de minha mãe e eu contamos nossas impressões, as de ontem e as de hoje, sempre calçadas nas experiências que vivenciamos. Mulheres como minha mãe que passaram por muitas provações e sabem da dor e das perdas, se solidarizam com as tantas mortes – hoje contabilizamos em torno de trinta mil mortos no Brasil, e minha mãe se angustia. “Que tristeza para tanta gente”, disse ontem, numa dor que parecia consigo, ouvindo o noticiário.

Passados setenta e três dias desde que a pandemia entrou nas nossas vidas, ou na minha mais especificamente, já nos acostumamos a ouvir nos noticiários sobre os óbitos que aumentam numa média de mil diariamente, sobre contágios e estatísticas, sobre a falta de respiradores, sobre enterros coletivos e superlotação de hospitais chegando quase a uma impensável banalização da dor. Também estamos nos acostumando aos noticiários da já insuportável disputa pelo poder por parte do governante verdugo e seus asseclas, num jogo de forças entre os poderes e os discursos com o amontoado de palavrões exacerbando a masculinidade tóxica com a qual move o destino triste desta nação. Atabalhoados, assistimos à reunião ministerial que mais se pareceu com uma seita mafiosa, uma vergonha de dar angústia, um acinte à nação. Não, não merecemos esta desordem, esses monstros a nos afligir no bordejar da pátria que já foi mãe gentil.

Continuo com todas as saudades, embora elas vão mudando o tom dos sentidos. Estou quase me acostumando com coisas urgentes resolvidas pela telinha, o que é insano. Não, não quero me acostumar com isso.

Vou pedir pela terceira vez: Santa Rosália, padroeira de Palermo, devolva nossos desejos ardentes sem medo, nossos afetos em forma de abraços. Repita o milagre e expurgue essa pandemia!

Marlene de Fáveri, 31 de maio de 2020. Turvo, SC.

---

<sup>i</sup> <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sp-violencia-contramulher-aumenta-449-durante-pandemia>

<sup>ii</sup> [https://www.cartacapital.com.br/saude/violencia-domestica-a-outra-urgencia-da-americalatina-em-quarentena/?utm\\_campaign=novo\\_layout\\_newsletter\\_-\\_21042020&utm\\_medium=email&utm\\_source=RD+Station](https://www.cartacapital.com.br/saude/violencia-domestica-a-outra-urgencia-da-americalatina-em-quarentena/?utm_campaign=novo_layout_newsletter_-_21042020&utm_medium=email&utm_source=RD+Station)

<sup>iii</sup> <https://catarinas.info/brasil-caminha-para-liderar-ranking-mundial-da-violencia-contramulher/>